



BERKENBROCK, Volney J. O mundo religioso. Petrópolis, RJ:
Vozes, 2019. 172p.
ISBN: 978-85-326-6010-7

Brasil Fernandes de Barros *

Introdução

No livro *O mundo religioso*, Volney J. Berkenbrock, Doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia Católica da Universidade Federal de Bonn, Alemanha (Rheinische-Friedrich-Wilhelm-Universität, 1995) e atualmente professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, aborda o extenso universo das religiões do mundo. Especializado em História das Religiões, procura identificar de maneira sucinta a enorme riqueza oferecida à humanidade pelo viés da religião, com uma ampla variedade nos aspectos culturais, artísticos, de mitos e tradições, através de um grande número de comunidades. O autor afirma que o mundo religioso oferta à humanidade um vasto conjunto de entendimentos e posições a respeito da vida e sobre sua existência, sob os pontos de vista mais diversos dos seres humanos em todas as suas posições, sejam elas individuais ou coletivas.

Em breve comentário, na introdução de seu livro, Berkenbrock aponta também aspectos negativos encontrados nas religiões, com espaço para as patologias humanas e sociais fomentadas pelos grupos de interesse; prefere,

Resenha recebida em 29 de junho de 2019 e aprovada em 23 de agosto de 2019.

* Mestre e Doutorando em Ciências da Religião no PPG em Ciências da Religião da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: brasil@netinfor.com.br

entretanto, oferecer um olhar otimista quando procura entender as religiões como uma forma de “buscar sentido para o enigma humano, para o enigma da existência do todo.” (p. 14).

Não pretende com sua obra de apenas 172 páginas desenvolver uma enciclopédia das religiões e sim “proporcionar conhecimentos básicos sobre o mundo religioso” (p. 14) sem defender nenhum ponto de vista particular. Ele define o objetivo de sua obra como o de “proporcionar aos leitores e leitoras conhecimentos amplos sobre o rico universo das religiões” (p. 14).

Em vez de abordar o assunto através de uma leitura vertical dos grupos religiosos, tratando as religiões de forma separada, Berkenbrock optou por estruturar sua obra por meio de um recorte temático horizontal, explicando as religiões sob um viés mais técnico e, dessa forma, construiu suas explicações a partir do fenômeno religioso e não das religiões. Cada capítulo do livro, portanto, abordará um tema específico, em um recorte horizontal das religiões e conseqüentemente propiciando, se for essa a intenção do leitor, a oportunidade de comparações.

O plano da obra e seus temas

Em 11 capítulos, o livro desenvolve os seguintes temas: 1) A presença das religiões no mundo; 2) A presença das religiões no Brasil; 3) Conceitos em torno da religião; 4) Hipóteses sobre a origem da palavra “religião”; 5) As teorias sobre a origem da religião; 6) Escritos sagrados nas religiões; 7) As religiões e a tradição oral; 8) Os fundadores de religiões; 9) Os sistemas religiosos e suas subdivisões; 10) As religiões e seus deuses; 11) As religiões e o calendário.

O primeiro capítulo, “A presença das religiões no mundo”, faz uma estimativa numérica das religiões através do mundo. Trata das religiões do ponto de vista quantitativo, situando as maiores sem deixar de falar das menores. Não há a pretensão de citar todas, pois reconhece a impossibilidade de fazer isso, mas faz um recorte a partir das quatro maiores tradições religiosas da humanidade: o

Cristianismo, o Islã, o Hinduísmo e o Budismo, procurando apresentar os seus percentuais e esclarecendo ainda que cerca de 15% da humanidade não se identifica com nenhuma tradição religiosa.

Refere-se, ainda, à presença de religiões menores que somariam um percentual aproximado de 9% de pequenos grupos, com destaque para o Confucionismo, o Judaísmo, o Taoísmo e o Xintoísmo. Das religiões citadas, destaca e comenta as razões a respeito de três tradições com características missionárias, o Budismo, o Cristianismo e o Islã, com destaque para o forte crescimento desse último em todo o mundo.

O segundo capítulo, “A presença das religiões no Brasil”, procura discorrer sobre a diversidade dessas em solo brasileiro, com destaque para as suas dimensões continentais, bem como o fato de ser um país basicamente constituído de imigrantes. Ao observar isso, por sua vez, não se esquece das culturas nativas que deixaram um legado de religiões indígenas. Diante dessa diversidade, assume que é muito difícil a tarefa de identificá-las todas, mas, por outro lado, apresenta que se for considerada a tradição cristã como um grande grupo, segundo o censo IBGE de 2010, 90,79% da população se identifica como pertencente a algum dos segmentos cristãos, fazendo do Cristianismo uma presença hegemônica no Brasil, representado pelas suas diversas comunidades cristãs.

No decorrer do capítulo, Berkenbrock aprofunda a diversidade intracristã, apesar das grandes diferenças apresentadas entre suas comunidades, classificando-as em três blocos: o grupo católico, o grupo evangélico e o grupo espírita. O autor ainda diferencia e discute sobre os detalhes de cada uma dessas comunidades e discorre sobre a presença do Islã, do Hinduísmo, do Budismo, do Judaísmo e visita rapidamente as religiões afro-brasileiras e indígenas.

O terceiro capítulo, “Conceitos em torno da religião”, problematiza de forma panorâmica a questão de definições do termo religião. Aborda a questão do termo “seita” e fala rapidamente sobre a dificuldade de fazer uma definição, concluindo minimamente que “religião é aquilo que as pessoas consideram religião” (p. 40).

O quarto capítulo, “Hipóteses sobre a origem da palavra ‘religião’”, aborda as possíveis origens da palavra “religião” e desenvolve o seu conteúdo a partir de três hipóteses. A primeira seria a de *religare*, que teria por significado “a religação do homem com Deus”, e é a defendida pelo pensador e professor do Império Romano convertido ao Cristianismo de nome Lactânncio, que viveu nos anos de 260 a 340. A segunda hipótese teria se originado na obra do pensador romano Cícero (106 - 43), “*De natura deorum*” (p.42), de origem não Cristã, e seria a do verbo *relegere* que significaria “cuidadosa veneração aos deuses”. A terceira hipótese é uma variação da primeira, levantando a questão de que, além do interesse etimológico, há uma preocupação com a confirmação teológica do termo.

O quinto capítulo, “As teorias sobre a origem da religião”, pretende apresentar teorias a respeito do surgimento das religiões enquanto fenômeno humano. Nesse capítulo, Berkenbrock não discute a origem desta ou daquela religião; e explica na introdução do capítulo o porquê da impossibilidade de fazê-lo. O autor descreve da seguinte maneira as teorias, embora não entre em detalhes sobre todas em seu capítulo:

Há muitas teorias sobre como surge religião. As mais conhecidas e tradicionais são: as teorias evolucionistas, que veem a origem da religião como consequência do processo de evolução da espécie humana; as teorias psicológicas, que supõem que a religião surge de processos ou necessidades psíquicas; as teorias antropológicas, que explicam a origem da religião como uma característica própria do ser humano e sua compreensão de mundo; as teorias sociológicas, que por sua vez pretendem explicar o surgimento da religião como algo ligado às necessidades sociais do ser humano, quer dizer às suas necessidades de convivência em comunidade; as teorias teológicas que entendem estar a origem da religião na revelação divina; as teorias filosóficas, que entendem o surgir da religião na busca do ser humano pelo sentido da existência; as teorias fenomenológicas, que levantam a hipótese de que a religião surge de uma determinada experiência humana. (p. 46)

O sexto capítulo, “Escritos sagrados nas religiões”, é um dos capítulos mais ricos do livro, ao qual o autor se dedica com grande cuidado. Inicialmente aborda a questão dos diferentes tipos de escrituras sagradas, e pontua o quanto ela pode ser sagrada ou não dentro de cada uma das comunidades religiosas, quando diz que

“não existe um critério único para se afirmar o que é um escrito sagrado, pois as próprias tradições dão importâncias diversificadas a esses escritos” (p. 53).

No capítulo, Berkenbrock discorre um pouco mais detalhadamente sobre as escrituras das grandes tradições. Pode-se observar pela extensão do capítulo; enquanto o capítulo terceiro, por exemplo, se resumiu a três páginas, este dedica vinte e cinco páginas às diversas tradições, em seções que são nomeadas da seguinte forma: *Os escritos sagrados do Hinduísmo; O Bhagavad Gita; Os escritos do Budismo; O Dhammapada; Os escritos do Confucionismo; Os Analectos; Os escritos do Taoísmo; O Tao Te Ching; Os escritos sagrados no Judaísmo; A Torá; Os escritos sagrados no Cristianismo; Os evangelhos; Os escritos sagrados do Islã; O Alcorão; Os escritos do Espiritismo; O Livro dos Espíritos; Os escritos sagrados do Santo Daime: o Hinário do Mestre Irineu.*

O sétimo capítulo, “As religiões e a tradição oral”, descreve as religiões que em lugar de terem escritos sagrados ou básicos como referência, articulam-se através de suas tradições orais. Chama a atenção para o fato de que isso não significa que não haja textos escritos a respeito dessas tradições e refletindo sobre elas, mas sim que estes textos não são fundamentos para a sua compreensão de fé. O autor pontua que as pessoas são fundamentais nessas religiões, pois são elas que farão a transmissão do conhecimento. De maneira geral, elas são iniciáticas, ou seja, os indivíduos vão gradualmente passando por iniciações nas quais, através da vivência e da experiência, tomam conhecimento da tradição. Outra questão tomada como fundamental é a vivência de seu fiel nos seus ritos e mitos.

O autor se concentra no decorrer do capítulo nas religiões de tradição oral afro-brasileiras descrevendo brevemente sua história, origens geográficas e etnográficas. E por fim descreve o Candomblé e a Umbanda em algumas de suas características.

O oitavo capítulo, “Os fundadores de religiões”, trata, como o próprio nome indica, dos fundadores ou daqueles tidos como referências mesmo que posteriores para uma religião, ainda que não tenham tomado para si esse papel. São

personalidades marcantes, embora, em alguns casos, existam dúvidas de que tenham de fato existido. De toda forma, são personalidades que marcaram suas épocas e fizeram seguidores de seu modo de pensar através do tempo, alguns deles com tradições milenares, seguidos ou cultuados, primeiramente através de tradições orais, as quais foram registradas depois em documentos escritos.

Algumas das personalidades brevemente biografadas nesse capítulo têm relevância histórica extremamente importantes como é o caso de Jesus e de Mohammed, que influenciaram o mundo de hoje em sua geopolítica. Já outras têm sua influência local, de acordo com o tamanho e representatividade de suas comunidades. São tratadas, no capítulo, os seguintes fundadores: Akhenaton, faraó egípcio; Os patriarcas do Judaísmo: Abraão, Isac, Jacó e seu fundador Moisés; Zaratrusta, fundador do Zoroastrismo; Lao Tse, fundador do Taoísmo, também chamado de Laozi, Lao Tsu ou Lao Tzu; Confúcio, latinização do nome chinês *Kongfuzi*, fundador do Confucionismo; Siddhartha Gautama, fundador da tradição Budista; Jesus, fundador do Cristianismo; Mani, fundador do Maniqueísmo; Mohammed ou Maomé, fundador do Islamismo; Guru Nanak, fundador do Sikhismo; Allan Kardec, fundador ou, como os espíritas o denominam, codificador do Espiritismo; Mestre Irineu, fundador do Santo Daime; Zélio de Moraes que, embora não haja consenso sobre isso entre seus seguidores, é tido como fundador da Umbanda.

O nono capítulo, “Os sistemas religiosos e suas subdivisões”, aborda as divisões existentes dentro das quatro maiores tradições religiosas da humanidade tratadas no primeiro capítulo: o Cristianismo, o Islã, o Hinduísmo e o Budismo. O autor descreve de forma sucinta o histórico, as razões e as divisões existentes daqueles sistemas religiosos, oferecendo-nos informações que ampliam nossa compreensão do mundo religioso.

O décimo capítulo, “As religiões e seus deuses”, trata de um assunto que, à primeira vista simples para muitas pessoas, pode, no entanto, remeter a questões controversas. Berkenbrock, na introdução do capítulo, diz:

O que é, [...] uma divindade? Sobre isso também não há nenhuma definição. Há apenas a constatação de que há a crença em seres ou entes aos quais se convencionou chamar de deuses. Mas não há absolutamente nenhum padrão ou consenso sobre um conceito pelo qual se poderia inferir o que é ou o que não é uma divindade. Para muitos, a crença em divindade ou divindades é um elemento constitutivo da religião, ou seja, para ser uma religião é preciso também ter alguma divindade. Essa convicção, muito presente no Ocidente por conta da tradição judaico-grego-cristã-muçulmana, não se sustenta quando se percebe que há religiões - como o Budismo, por exemplo - nas quais não há qualquer referência a alguma divindade. (p. 150)

O autor apresenta uma breve análise etimológica da palavra “Deus” e em seguida apresenta a compreensão dessa palavra no Judaísmo, no Cristianismo, abordando inclusive a questão da Trindade, no Islamismo, nas diversas tradições do Hinduísmo e no Candomblé.

O décimo primeiro capítulo, “As religiões e o calendário”, nos fala a respeito de como muitos calendários do mundo foram “ditados” pelas tradições religiosas; e faz referência aos mais conhecidos. O calendário Gregoriano, o mais conhecido e difundido pelo mundo, utilizado por todo o mundo ocidental, baseia-se numa hipotética data do nascimento de Jesus. O capítulo discorre também sobre o calendário Judaico, o Muçulmano, e o Chinês. O capítulo fala ainda sobre as festas mais conhecidas, a Páscoa, o Natal e o Ano novo em cada um desses calendários mais conhecidos.

Considerações finais

Na apresentação da obra, Volney J. Berkenbrock se expressa de modo muito feliz ao dizer que “o mundo religioso é uma riqueza imensa na humanidade. Riqueza cultural, riqueza de ideias, riqueza de artes, riqueza de mitos, riqueza de imaginários, riqueza de comunidades, riqueza de tradições.” (p. 13) Falar sobre o mundo religioso é uma tarefa extremamente difícil em função de sua amplitude e complexidade, por essa razão, acredito que tenha sido extremamente difícil ao autor decidir sobre o que incluir ou não em sua obra. E ousaria mesmo imaginar que o autor deve ter-se perguntado sobre a relevância e o alcance de um livro

assim, e se deveria ou não escrevê-lo, pois certamente seria questionado pelas omissões e lacunas em relação a essa ou aquela tradição.

Podemos certamente agradecer-lhe pelo fato de que o tenha escrito. Em não mais que 172 páginas conseguiu de forma agradável e competente oferecer uma excelente panorâmica do universo religioso – tarefa que, se fosse realizada focando detalhes, exigiria uma produção enciclopédia e, quiçá, uma vida inteira de pesquisas sem o logro de concluí-la.

Em que pese a importância da publicação, gostaríamos de apontar alguns aspectos que julgamos limitados, dada a competência do autor. A definição do termo religião abordada no terceiro capítulo realmente é uma questão talvez insolúvel; porém, assim como fez no capítulo quatro, apresentando algumas hipóteses sobre a origem da palavra religião, o autor poderia, com sua vasta experiência, ter dedicado algumas páginas para abordar alguns conceitos de autores clássicos. Acredito que tais definições poderiam ajudar o leitor a pensar sobre a dificuldade de elaborar tais definições, que certamente seriam muito diferentes entre si.

No quarto capítulo, o assunto foi apresentado, a nosso ver, de uma forma que dá a entender que a primeira definição elimina a outra, sem levantar a hipótese que tenham coexistido os dois sentidos no decorrer da história. Além disso, a terceira hipótese nos pareceu ser desnecessária por ser apenas variante da primeira.

Acreditamos que o capítulo quinto poderia ter discorrido sobre todas as teorias citadas e não apenas algumas delas. E, por fim, sentimos falta de um índice remissivo que pudesse permitir a busca dos textos por religiões, já que não são encontradas todas as religiões entre os temas recortados horizontalmente.